Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

ANÁLISE DAS HABILIDADES SOCIAIS NA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL: como o autocontrole e empatia influenciam no comportamento dos adolescentes no ambiente escolar?

ANALYSIS OF SOCIAL SKILLS IN ANALYTICAL-BEHAVIORAL THERAPY: how do self-control and empathy influence adolescent behavior in the school environment?

ANÁLISIS DE LAS HABILIDADES SOCIALES EN LA TERAPIA ANALÍTICO-CONDUCTUAL: ¿cómo influyen el autocontrol y la empatía en el comportamiento de los adolescentes en el entorno escolar?

Ramylla Santos Serra Carvalho[1]

Ma. Regienne Maria Paiva Abreu Oliveira Peixoto[2]

RESUMO

Este *Paper* visa abordar sobre a análise das habilidades sociais na terapia analítico comportamental e como estas influenciam no comportamento dos adolescentes no contexto escolar. Assim, as interações regulares dos adolescentes em conflito com a lei com suas famílias e escola, indica quais categorias de habilidades sociais (principalmente autocontrole e empatia) são fortalecidas por processos de modelagem e modelação, levantando indícios à discussão da relação entre comportamento social e padrão antissocial. Neste estudo foi analisado um conjunto de contingências comportamentais estabelecedoras de repertórios de habilidades sociais e que estão associadas à produção de objetivos de medidas socioeducativas. Para a construção desse *Paper f*oi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica de artigos e periódicos.

Palavras-chave: Habilidades sociais. Autocontrole e Empatia. Adolescentes no contexto escolar. Comportamento. Contingências.

ABSTRACT

This paper aims to address the analysis of social skills in behavioral analytic therapy and how these influence the behavior of adolescents in the school context. Thus, the regular interactions of adolescents in conflict with the law with

[1] Especialista em Metodologias Ativas e Aprendizagem Exponencial. Pedagoga. Docente do Colégio Dom Bosco Exponencial. Graduanda em Psicologia no Centro Universitário UNDB.
[2] Mestra em Psicologia e Docente do Centro Universitário UNDB.

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

their families and school indicate which categories of social skills (mainly self-control and empathy) are strengthened by modeling and shaping processes, raising clues to discuss the relationship between social behavior and antisocial patterns. In this study, a set of behavioral contingencies that establish social skills repertoires and are associated with the achievement of socio-educational measures was analyzed. The methodology for constructing this paper involved bibliographic research of articles and journals.

Keywords: Social skills. Self-control and Empathy. Adolescents in the school context. Behavior. Contingencies.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar el análisis de las habilidades sociales en la terapia analítica conductual y cómo estas influyen en el comportamiento de los adolescentes en el contexto escolar. Así, las interacciones regulares de los adolescentes en conflicto con la ley con sus familias y la escuela indican qué categorías de habilidades sociales (principalmente autocontrol y empatía) son fortalecidas por procesos de modelado y modelación, levantando indicios para la discusión de la relación entre comportamiento social y patrón antisocial. En este estudio se analizó un conjunto de contingencias conductuales establecedoras de repertorios de habilidades sociales y que están asociadas a la producción de objetivos de medidas socioeducativas. Para la construcción de este artículo se utilizó la metodología de investigación bibliográfica de artículos y periódicos.

Palabras clave: Habilidades sociales. Autocontrol y Empatía. Adolescentes en el contexto escolar. Comportamiento. Contingencias.

1 INTRODUÇÃO

Um dos processos responsáveis pela expansão do repertório comportamental, exposição do indivíduo a novas contingências, novos ambientes, novos estímulos controladores e novos grupos sociais, ocorre por meio de uma mudança comportamental denominada de ápice comportamental. Assim, limitações de acesso a contextos e interlocutores significativos como familiares, professores, pares e grupos da comunidade tornam o adolescente vulnerável ao desenvolvimento de dificuldades comportamentais.

Partindo desse pressuposto, as habilidades sociais podem participar dos fluxos de mudanças comportamentais dos adolescentes como suporte na ampliação de contextos de interações sociais educativas e reforçadoras, diminuindo a probabilidade de trajetórias de risco.

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

Vivemos em uma época de profundas mudanças produzidas por uma sociedade industrializada, de informação globalizada, com novas tecnologias, que vem atingindo todos os setores das organizações sociais. Este ritmo considerado como acelerado e competitivo gera um contexto social no qual há necessidade de habilidades e competências cada vez mais complexas. As capacidades de inovação, autogestão, autonomia pessoal, autoestima elevada está sendo exigidas dos indivíduos, nas relações interpessoais, nas situações pessoais e profissionais.

As habilidades sociais são um conjunto de comportamentos sociais que torna o indivíduo apto a lidar com circunstâncias sociais específicas como sensibilidade perspectiva, capacidade empática, capacidade reforçadora, assertividade e equilíbrio emocional. No entanto, definir um comportamento socialmente habilidoso é algo complexo, pois a habilidade social está diretamente ligada ao contexto cultural e aos padrões de comunicação. Estes padrões variam amplamente entre culturas, e variam também conforme a idade, sexo, classe social e a educação.

O *déficit* em habilidades sociais para relacionar-se com os colegas, professores, familiares e ainda, a frequente rejeição pelo grupo coloca os jovens em situações de manifestar relacionamento interpessoal enfraquecido, apresentando comportamento agressivo e coercitivo, aumento de risco de depressão e envolvimento com grupos de rejeitados, geralmente no início da adolescência. O comportamento antissocial segue um curso de evolução progressiva, com comportamento agressivo, *déficits* de habilidades sociais, dificuldade e fracassos escolares, comportamentos delinquentes e dificuldade com pares pró-sociais.

Portanto, é através dessas competências, que o indivíduo pode se relacionar com outros e agir conforme as normas e comportamentos da sociedade. O desenvolvimento dessas aptidões começa ainda na infância e, por isso, a escola tem um papel fundamental nesse processo. Cabe ressaltar ainda que, o desenvolvimento das habilidades sociais vem sendo amplamente utilizado no trabalho com adolescentes no contexto escolar, tendo em vista que a falta delas constitui um fator de risco para problemas de aprendizagem.

Os problemas comportamentais, caracterizados pelo excesso de tristeza, retraimento, timidez, insegurança, medos e inibição excessiva, podem estar

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

associados à depressão, ansiedade e fobia social. Por fim, entende-se que quanto mais cedo as habilidades sociais forem desenvolvidas, maior será o seu papel como fator de proteção para os adolescentes, especialmente no contexto educacional.

A convivência com os colegas e professores contribui para a formação da personalidade dos alunos desde os primeiros anos de ensino. Todos têm potencialidades e habilidades sociais que podem ser transformadas em competências para viver em sociedade e estar preparados para o mercado de trabalho. Os pais e familiares também devem estar atentos às atitudes dos adolescentes e participar do desenvolvimento das suas habilidades sociais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Levando-se em consideração o contexto clínico, as intervenções têm se mostrado uma habilidade importante para terapeutas atuantes da abordagem comportamental. São ainda modelos úteis, tanto para o clínico como forma de abstrair e ordenar as informações do cliente buscando desenvolver um programa de tratamento, como para aqueles que precisam de uma compreensão de seus problemas comportamentais.

O comportamento, qualquer que seja ele, tem uma função e é por meio da análise das contingências de aquisição ou de controle dos mesmos comportamentos que se quer poder chegar a mudanças. Uma característica da abordagem comportamental que aumenta sua eficácia e que fica evidente no trabalho com grupos, é o seu aspecto pedagógico ou instrucional. O terapeuta pode ensinar a seus clientes sobre análise do comportamento: sobre relações entre os comportamentos e as suas consequências, a descrever contingências e construir suas próprias regras.

Ensinar análise funcional ao cliente é um dos melhores procedimentos terapêuticos. Cabe lembrar que para que esta estratégia seja efetiva, é importante adequar a linguagem e utilizar exemplos da vida dos clientes, sem a preocupação de utilizar termos técnicos que podem ser de difícil compreensão para algumas pessoas.

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

Verificar a função do comportamento vai além de conhecer sua topografia, ou seja, de descrições do comportamento fundamentadas em sua forma e estrutura. Portanto, identificar a topografia do comportamento não é o bastante para realizar uma avaliação funcional. Moreira e Medeiros (2007) fazem referência à avaliação funcional descrevendo-a como a identificação das relações entre o indivíduo e seu mundo. Ou seja, refere-se a observar um comportamento e saber que tipo de consequência ele produz, identificando com isso as relações existentes entre o comportamento e variáveis consequentes.

Partindo deste pressuposto, a coleta de informações para a avaliação funcional engloba algumas estratégias, tais como: método com informantes (dialogar com alguém que tem proximidade com o indivíduo); observação direta (observar o indivíduo em suas condições naturais por um longo período); e manipulações de análise funcional (manipular as variáveis potenciais de controle em condições naturais).

A avaliação funcional, usualmente priorizada no início do contato com o cliente, servirá como base para a organização da intervenção. É importante destacar que essa avaliação continuará ao longo de todo o processo terapêutico, a fim de monitorar progressos alcançados, identificar novas demandas e ajustar os procedimentos adotados.

O clínico partilha com o cliente sua visão inicial do caso e, juntos, definem metas que façam sentido a ambos. A partir daí o terapeuta seleciona e implementa as primeiras estratégias terapêuticas, compatíveis com os objetivos. Assim, cabe ao profissional facilitar a coleta de dados necessários à avaliação funcional do caso do seu cliente e criar condições para aplicar um ou mais procedimentos que julgar necessários.

A interação entre o terapeuta e o cliente exerce diversas funções para ambos os participantes. Se os limites forem definidos e respeitados pelo profissional, o cliente se sentirá confortável e será capaz de se aproximar, em breve, do que lhe é particularmente aversivo e clinicamente de interesse. Somos todos seres em construção, modificando o mundo em que vivemos e sendo modificados por ele. Ao clínico, impõe-se considerar e respeitar sempre os valores apresentados pelo cliente, apontando-lhe as possíveis consequências destes.

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

Fonseca e Pacheco (2010) salientam a importância da avaliação funcional no contexto escolar, ressaltando que os métodos utilizados, tal como observação e comportamento verbal, ajudam a identificar os comportamentos-problema que ali ocorrem e que devem ser modificados. Assim, uma avaliação funcional no contexto escolar tem como objetivo identificar as facilidades e dificuldades de aprendizagem de cada aluno considerando sua história de aprendizagem, e as condições sob as quais o aluno se comporta. É importante também levar em consideração as Habilidades Sociais na terapia analítico-comportamental e de que modo como influenciam no comportamento dos alunos/adolescentes no ambiente escolar.

O clínico necessita estar atento aos vários eventos indicativos de mudanças “subjetivas” do seu cliente, devendo também ficar atento aos seus próprios comportamentos encobertos que ocorrem durante cada atendimento. Identificar suas próprias emoções e pensamentos relacionados ao conteúdo que lhe traz o cliente interfere no processo de atendimento que conduz.

As Habilidades Sociais são caracterizadas pelo conjunto de comportamentos emitidos diante das demandas de uma situação interpessoal. A análise do comportamento defende a ideia de que o repertório do indivíduo deva ser avaliado de maneira completa, considerando suas influências filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Portanto, um comportamento socialmente habilidoso ou mais adequado refere-se à expressão, pelo indivíduo, de atitudes, sentimentos, opiniões, desejos, respeitando a si próprio e aos outros, havendo, em geral, resolução dos problemas imediatos da situação e diminuição da probabilidade de problemas futuros.

A família proporciona o primeiro e mais importante contexto social, emocional, interpessoal, econômico e cultural para o desenvolvimento humano e, como resultado, as relações familiares apresentam influência sobre o bem-estar dos filhos. Segundo Marinotti (2012), a participação dos pais neste processo é fundamental: progressos terapêuticos, bem como sua manutenção e generalização, dependerão, em grande parte, de modificações na interação direta dos pais com a criança, bem como de alterações que estes promovam em sua rotina, condições de estimulação e esquemas de reforçamento.

De acordo com Falcone (2001, p. 114), o desenvolvimento de tais habilidades

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

> [...] permite o entrosamento do indivíduo em situações interpessoais, reduzindo a sua ansiedade de forma significativa. (...) O paciente pratica o ensaio comportamental durante as sessões terapêuticas e tenta aplicar o que aprendeu na vida diária, a fim de aprimorar as habilidades sociais e elevar a autoestima.

Considerando-se a classe geral das Habilidades Sociais, é importante reconhecer que, como qualquer comportamento, trata-se de um constructo, inferido das relações funcionais entre as respostas de duas ou mais pessoas em interação, onde as respostas de uma delas são antecedentes ou consequentes para as da outra, de forma dinâmica e alternada no processo interativo. Um comportamento social somente é classificado como habilidade social quando contribui para a competência social em uma tarefa de interação social.

Os adolescentes demonstram maiores dificuldades em manifestar comportamentos socialmente habilidosos, estando relacionados com a dependência da internet e envolvimento com o fenômeno *Bullying.* De forma geral, os altos índices de problemas de saúde resultantes de fatores comportamentais indicam a necessidade de se construir habilidades de enfrentamento mais sustentáveis entre os jovens.

Diante deste contexto, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda o desenvolvimento de habilidades de vida, entre elas as habilidades de tomada de decisão, de controle da impulsividade, de pensamento consequencial e de habilidades sociais como estratégias para auxiliar o adolescente a se proteger em situações de risco à saúde.

Portanto, faz-se necessário que as escolas busquem novas alternativas para enfrentar o atual cenário educativo. Neste sentido, iniciativas que apontam a preocupação em desenvolver e potencializar a construção de Habilidades Sociais merecem ser consideradas e analisadas.

Del Prette e Del Prette (2005) propõem, portanto, um sistema de sete classes de habilidades sociais, entendidas como fundamentais ao desenvolvimento interpessoal, quais sejam: autocontrole, expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades acadêmicas.

Assim, o autocontrole está relacionado às habilidades de falar sobre os sentimentos, reconhecer e nomear as próprias emoções e as dos outros, tolerar frustrações, controlar a impulsividade e expressar de maneira adequada

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

pensamentos e sensações. Já a empatia tem relação com o comportamento de observar, com a habilidade de colocar-se no lugar do outro, de oferecer apoio ou ajuda, de reconhecer os sentimentos do interlocutor, de demonstrar-lhe interesse.

A escola é considerada um lugar oportuno para a realização de intervenções em Habilidades Sociais, uma vez que os alunos passam boa parte do seu tempo neste local, estabelecendo relações com pares e ampliando suas relações sociais. Ao ser empático, o adolescente consegue compreender melhor o que ele quer dizer e, assim, desenvolver melhor suas interações sociais. Assim, colocar-se no lugar do outro é uma boa maneira de desenvolver Habilidades Sociais.

3 METODOLOGIA

Este *Paper* trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa e de cunho teórico, adotando o procedimento de pesquisa bibliográfica para apresentar, de forma crítica, como as Habilidades Sociais voltadas para o autocontrole e empatia, influenciam no comportamento dos adolescentes no contexto escolar, baseando-se na terapia analítico comportamental.

Ao passo em que se busca refletir acerca da importância de desenvolver Habilidades Sociais em adolescentes, discutindo como trabalhá-las na escola e suas interfaces na análise do comportamento. Para tanto, foi realizado levantamento bibliográfico no Google Scholar, SciElo, Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da EBSCO, na perspectiva de identificar as produções dos últimos 5 (cinco) anos acerca das Habilidades Sociais na ótica da terapia analítico-comportamental. O levantamento foi realizado mediante busca com os seguintes descritores: a) Habilidades Sociais; b) Terapia Analítico Comportamental; c) Autocontrole e Empatia AND Psicologia; d) Adolescentes no Ambiente Escolar AND Habilidades Sociais; e) Habilidades Sociais AND Terapia Analítico-Comportamental; f) Adolescentes AND Ambiente Escolar AND Terapia Analítico Comportamental.

4 DISCUSSÃO DO TEMA

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

O desenvolvimento humano é marcado por diversas mudanças que ocorrem desde a concepção até a morte. A adolescência é uma dessas fases, marcada pelo momento em que o indivíduo se depara com várias situações de transformações. Ela tem seu início a partir das mudanças físicas, com o surgimento da puberdade, entretanto, não se pode limitar apenas a essas mudanças físicas, pois, embora estejam diretamente relacionadas, puberdade e adolescência referem-se a dois fenômenos específicos.

Assim, apesar da adolescência ser tratada como um fenômeno universal, seu início e duração dependem de cada cultura, variando conforme cada época e das relações que o indivíduo estabelece no meio onde está inserido.

Na escola, os alunos aprendem a ler, escrever e contar, mas os conteúdos presentes no currículo escolar são apenas uma parte do aprendizado adquirido. As habilidades sociais devem ser trabalhadas ao longo de toda a formação dos adolescentes, tanto na escola quanto em casa. Contudo, as habilidades sociais são a capacidade de cada pessoa expressar seus desejos, opiniões e sentimentos de acordo com o ambiente onde está inserida. Por meio dessas competências, o indivíduo pode se relacionar com outros indivíduos e agir conforme as normas e comportamentos da sociedade.

É nas relações interpessoais, principalmente com a família e grupo de pares que ocorre o desenvolvimento das habilidades sociais, e a capacidade de se comunicar e interagir com os outros de forma eficaz e apropriada envolve um conjunto de habilidades complexas. Saber fazer perguntas e lidar com críticas, seguir regras, solicitar mudanças de comportamento e resolver situações interpessoais conflituosas, podem ser citados como exemplos.

Atreladas ao pensamento de uma aprendizagem contínua, as habilidades sociais pressupõem o desenvolvimento permanente do repertório comportamental do indivíduo, em diferentes contextos, visto que, em cada etapa do desenvolvimento humano, novas exigências sociais são propostas.

No contexto escolar, as interações sociais nem sempre ocorrem de maneira saudável e acabam interferindo na aprendizagem. Nesse sentido, uma das possibilidades de atuação durante o estágio de psicologia na escola pode ser o trabalho com grupos de alunos, pais e/ou professores, com o objetivo de auxiliar na resolução de diversos conflitos, como por exemplo, os grupos de treinamento ou desenvolvimento de habilidades sociais, que podem promover

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

proteção a comportamentos de riscos e favorecer o relacionamento harmonioso entre os alunos. O treinamento das HS tem por objetivo fornecer oportunidades e ferramentas para que os alunos possam compreender sobre as suas potencialidades e responsabilidades na administração da convivência com seus pares (Maia; Lobo, 2013).

Partindo desse pressuposto, as habilidades são aprendidas ao longo da vida, manifestando-se por meio de interações sociais cotidianas. Assim, práticas educativas da família e da escola oferecem condições para o aprimoramento das habilidades sociais e da competência social, de modo a refletir na qualidade de vida das pessoas. Estas, socialmente competentes, apresentam relações pessoais mais satisfatórias, bem como a autoestima elevada, maior suporte social, bem-estar físico e psicológico e autonomia. Por outro lado, pessoas que possuem comprometimento nas habilidades sociais tendem a enfrentar dificuldades nas relações interpessoais, pior qualidade de vida, depressão, timidez e isolamento social.

As vivências, nesse sentido, são situações nas quais ocorra a interação social entre os participantes, que podem mobilizar sentimentos, pensamentos e ações dos indivíduos, buscando atingir o repertório e desenvolver as habilidades sociais. Segundo Del Prette e Del Prette (2009), pessoas socialmente competentes desenvolvem relações mais produtivas e duradouras, melhor saúde mental e física, maior satisfação e motivação pessoal.

A escola é um espaço considerado não apenas de aprendizagem, mas de relações sociais entre os adolescentes que nela estão inseridos. A qualidade das relações reflete no clima escolar, que é a percepção subjetiva de alunos, pais, professores e gestores, acerca das interações, regras, valores e formas de funcionamento de uma instituição em si. Dessa forma, trabalhar com habilidades sociais é uma forma de possibilitar que comportamentos assertivos sejam aprendidos.

Embora o desenvolvimento de habilidades sociais possa ocorrer e se tornar mais elaborado ao longo da vida, no período da adolescência os déficits em habilidades sociais podem estar relacionados à presença de agressividade, delinquência, transtornos de conduta, abuso e dependência de substâncias psicoativas. Assim, os problemas comportamentais que promovem altos índices de problemas de saúde indicam ser necessário o desenvolvimento de

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

intervenções que promovam habilidades de enfrentamento mais saudáveis entre os jovens.

Por fim, os comportamentos assertivos seriam aqueles em que o indivíduo defende seus direitos, ao mesmo tempo em que respeita os direitos de seus interlocutores, produzindo consequências positivas de médio e longo prazo. Ainda que necessárias, as habilidades so- ciais não são suficientes para um desempenho socialmente competente. A competência social indica comportamentos que atendem aos objetivos do indivíduo e às demandas da situação e da cultura, produzindo resultados positivos conforme critérios instrumentais e éticos.

5 CONCLUSÃO

A partir deste Paper conclui-se que o percurso exploratório das possíveis contribuições das habilidades sociais, destacam-se em específico os impactos positivos ao contexto escolar, visto que o mesmo é constituído por interações sociais e divide a responsabilidade em auxiliar o desenvolvimento do indivíduo, com destaque nas primeiras etapas do desenvolvimento – infância e adolescência como fator preventivo e protetivo.

O campo das habilidades sociais é estruturado de forma conceitual própria alinhada a evidências de eficácia e efetividade em diversos contextos de pesquisa e aplicação. Um dos elementos centrais do componente teórico do campo das habilidades sociais consiste na premissa de que uma ampla gama de procedimentos em contextos naturais e estruturados pode ampliar e fortalecer os repertórios essenciais às interações sociais em diferentes momentos do desenvolvimento.

Assim, limitações de acesso a contextos e interlocutores significativos como familiares, professores, pares e grupos da comunidade tornam o adolescente vulnerável ao desenvolvimento de dificuldades comportamentais. As habilidades sociais, como parte do repertório do adolescente, produzem variações sistemáticas nas contingências relacionadas a interações sociais reforçadoras, diminuindo a probabilidade destas dificuldades.

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.

Neste sentido, as habilidades sociais podem participar dos fluxos de mudanças comportamentais dos adolescentes como suporte na ampliação de contextos de interações sociais educativas e reforçadoras, reduzindo a probabilidade de trajetórias de risco.

O desenvolvimento humano envolve mudanças nos fluxos de interações entre um indivíduo ativo e o ambiente, sendo este último constituído por diferentes condições de estímulo que estabelecem funções eliciadoras, evocativas, reforçadoras e discriminativas para o comportamento. Na adolescência, as contingências sociais selecionarão repertórios cada vez mais refinados voltados para práticas difundidas na comunidade.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Jéssica Reusch; WAGNER, Márcia Fortes; PATIAS, Naiana Dapieve. Habilidades Sociais na Escola: Relato de Experiência de Prática em Psicologia Escolar. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 107-120, jan./jun. 2020.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

FALCONE, E. Fobia social. *In*: RANGÉ, B. (org.). **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva dos Transtornos Psiquiátricos**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2001. p. 133-149.

FOGAÇA, Fabiane Ferraz Silveira *et al*. O desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental. **RBTCC**, v. 2021, n. 2, 217-231, 2019.

FONSECA, P. R.; PACHECO, B. T. J. Análise funcional do comportamento na avaliação e terapia com crianças. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 12, n. 1/2, p. 1-19, 2010.

MARCON, Roberta Maia (org.). **A clínica analítico-comportamental:** estudos de caso. CRV: Curitiba, 2019. p. 11-22.

MARINOTTI, Miriam. A importância da participação da família na clínica analíticocomportamental infantil. *In*: BORGES, Nicodemos Batista *et al*. **Clínica analíticocomportamental:** aspectos teóricos e práticos. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 251-258.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Revista de Estudos Multidisciplinares, São Luís, v. 4, n. 1, jan./abr. 2024.
ISSN 2238-7897.